



Ulysses, com Dona Mora: afago de sua principal eleitora



Afif, o colecionador de ternos: requinte liberal

Afif

Ilusões de um coadjuvante

Sérgio Sant'Anna



A esta altura é praticamente certo que Afif Domingos perdeu a vaga no segundo turno e, em consequência, o próprio campeonato. (O "praticamente" fica apenas em respeito aos seus eleitores de muita fé.) Mas sem o Afif — apesar de correr ele na mesma faixa ideológica de Maluf, Collor e Silvio Santos, esquecendo o Caiado que forçou turma e a barra — ficaria faltando um retrato importante na galeria de tipos e estereótipos que compuseram o folhetim classe B que foi a campanha eleitoral.

Embora Collor de Mello também fizesse o gênero bonitinho e... (bom, deixa pra lá o outro adjetivo, nelson-rodriguesano), logo o alagoano percebeu que devia arregaçar as mangas e tomar um pouco de chuva no penteado, já que a maior

parte do seu eleitorado não se vestia propriamente em alfaiates e butiques.

E como Silvio Santos e seu sorriso de teclado correram por fora, Afif foi o verdadeiro personagem *clean* desta história, desde o traje esporte de tinturaria, predominando o branco, passando pelo corte de cabelo e a barba escanhoadada, até o álbum de família, digno de um Tim Tones, com direito a coral evangélico e tudo.

Não que outros também não apelassem para o diáfano da alma, mas nesta faixa Afif foi insuperável, consciente de que se a Igreja Católica fez a opção pelos pobres, outras igrejas em ascensão oferecem opções mais atraentes para os que não desejam ser confundidos com os pobres, retomando aqui um pensamento de Silviano Santiago.

Mas o problema da roupa branca demais, todos conhecem: basta um respingo de lama para fazer ruir a composição imaculada. E o que fizeram com o Afif foi passar rente a ele o pneu de um carro na sarjeta da Constituinte.

Se o Afif estava representando? Mas o que tem isso demais num personagem, sobretudo se este personagem é um político de oportunidade e portanto um ator?

Se esse ator canastrou? O que tem demais, também, já que ele representava a si próprio? O espetáculo, então, foi de um realismo tão impressionante que ultrapassou a fronteira do expressionismo para chegar, à medida que o candidato se desesperava, ao paroxismo do hiper-real.

Não seria difícil imaginá-lo, num próximo episódio, pregando para um Maracanã lotado de fiéis entoando cânticos, crentes à espera de milagres, aparições de Deus em raios laser etc., tudo amparado, evidentemente, por uma caixa de coleta, para evitar, com competência, o déficit orçamentário. O perigo maior seria o esperto pastor Armando Corrêa, vulgo Silvio Santos, passar de mansinho e recolher a férias na última hora.

O ator Afif Domingos se iludiu quanto a um detalhe importante do roteiro: ele não era o personagem principal. E coadjuvante por coadjuvante, o *Oscar* da categoria, talvez envolvido numa penca de alhos, fica melhor com o Enéas, o personagem *dark* do eclético argumento.